

Acontece neste final de semana a prova ciclística Descida das Escadas de Santos. A competição tem como cenário os 417 degraus das escadarias do Monte Serrat, onde no sopé está localizada a capela da padroeira da Cidade. No domingo (7), a partir das 9 horas, a TV Globo transmite ao vivo os treinos e as provas durante o programa Esporte Espectacular. Às 11 horas terá início a grande final, com os cinco pilotos mais rápidos do final de semana. A competição terá representantes dos Estados Unidos, Equador, México, Inglaterra, Portugal e Brasil.

FUTEBOL

Adeus prematuro

Lei Pelé permite jogadores irem cada vez mais cedo para o exterior. Projeto de lei está em discussão na Câmara Federal para garantir a manutenção de jovens craques no Brasil por mais tempo

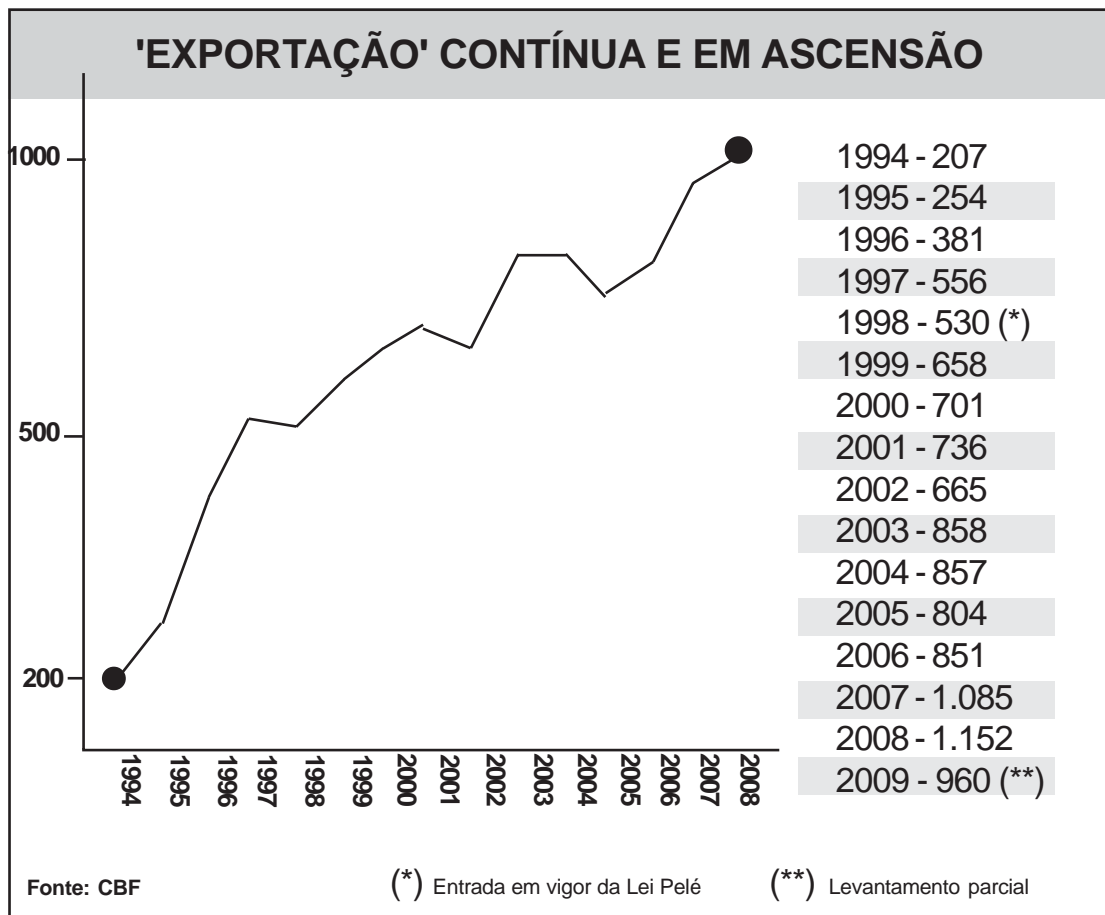
LINCOLN CHAVES
DAREDAÇÃO



Divulgação/Assecom SFC

De volta

Em razão da Lei Pelé, jogadores como Robinho — que retornou ao Santos FC — vão embora cedo para jogar em gramados europeus



dos Santos, vislumbra, especificamente no que diz respeito à questão da manutenção (ou não) de jogadores, limitar as ações de empresários nos clubes e devolver força ao investimento nas categorias de base — algo prejudicado com o advento da Lei Pelé, na visão de especialistas, principalmente aos clubes de menor expressão. "Os pequenos precisam estar estimulados a investir e não perder atletas, pois são os principais formadores no Brasil", avalia.

O enfraquecimento da formação se dá pelas consequências. Por lei, um jogador pode assinar o primeiro contrato profissional aos 16 anos, com duração máxima de cinco. Após esse prazo, termina-se o vínculo e, se desejar, o jogador pode migrar para onde quiser, que não terá mais obrigações com o formador — clube com o qual o jogador assinou um contrato de formação, que pode ser feito a partir dos 14 anos e até os 20 anos.



Divulgação

Visões distintas

Fernando dos Santos: "os objetivos de um clube, com suas categorias de formação, e dos empresários são diferentes. O clube vende espetáculos, forma atletas, que são artistas para isso"

já que a FIFA exige que a CBF conceda a transferência, independente do contrato vigente no Brasil", completa.

Foi o que aconteceu, por exemplo, com o meia-atacante do Vasco, Philippe Coutinho, que no meio deste ano, irá para a Internazionale di Milão (ITA), quando completará 18 anos.

Empresários

Além do caso de Robinho, uma situação semelhante foi presenciada com o ex-são-paulino Kaká, considerado o melhor do mundo em 2007 e hoje craque do Real Madrid (ESP). Em 2003, passando por momentos complicados no time do Morumbi, Kaká teve sua nego-

ciação com o Milan (ITA) facilitada pelo empresário Wagner Ribeiro, contra a vontade da diretoria do São Paulo, que o acusou de apenas querer lucrar com a venda — o que também pautou as reclamações do Santos quanto à ida do "Rei das Pedaladas" para a Espanha. (Na ocasião, Ribeiro também era o empresário de Robinho).

O valor da negociação foi de "apenas" US\$ 8 milhões. Menos do que pretendido pelo São Paulo, mas necessário, pois, em janeiro de 2004 ele só teria mais seis meses de contrato, o que já lhe permitiria negociar com outro clube e sair, no meio do ano, sem deixar nada nos cofres tricolores.

O caso evidencia uma das consequências das atuais circunstâncias da Lei Pelé, que é o destaque do empresário. Responsáveis por intermediar as negociações entre clubes A e B e jogadores — às vezes, somente entre um dos clubes e o jogador —, e dono de uma porcentagem (geralmente 10%) do valor total do negócio, esses profissionais, em boa parte dos casos, conquistaram grande mídia e dinheiro, sendo o exemplo mais evidente do cenário *business* do futebol moderno. De olho nos valores que podem ser obtidos com as negociações das jovens promessas, muitas vezes esses empresários atuam diretamente na pressão junto aos atletas e, claro, clubes. E alguns times, com medo de perdê-los, escondem-nos de empresários, não os relacionando para as partidas na base.

Uma das mudanças previstas no PL 5186/09 diz respeito justamente à ação do empresário. Segundo o consultor Dagoberto Fernando dos Santos, uma medida é a de proibir que atletas abaixo de 18 anos sejam agenciados por empresários, sendo supervisionados, portanto, por seus representantes legais (pai e mãe) e pelo clube.

Outro fator é a criação de uma indenização caso o atleta deixe um clube formador e parta para outro nesse período, num valor que é 200 vezes o gasto na formação do atleta.

Pela proposta, a definição do que é o clube formador sofrerá modificações. Por obrigação, deverá conceder escola, acompanhamento escolar, médico, dentista e valorizar o convívio familiar. Justificar isso, pelo que prevê o Projeto de Lei, será necessário para que determinado clube possa alegar ter sido o revelador daquele jogador e pleitear os 5% aos quais terá direito a uma nova transferência deste atleta, segundo a legislação da FIFA.

"Esses valores são importantes, principalmente porque, geralmente, são referentes às maiores vendas", avalia o presidente do Olé Brasil, clube-empresa de Ribeirão Preto, Eduardo Zanello.

"A lógica disso é criar maneiras para que o primeiro contrato profissional possa ser feito mais tarde, com 17, até 18 anos, e o atleta permaneça mais tempo no clube", explica Fernando dos Santos.

"É necessário entender que os objetivos de um clube, com suas categorias de formação, e os dos empresários são diferentes. O clube vende espetáculos, forma atletas, que são os artistas, para isso. Esses espetáculos são valorizados pela capacidade de seus artistas, e renderão audiência e bilheteria, por exemplo. Daí a importância da manutenção do jogador, não somente pelo aspecto da tradição", completa o consultor.

Aposta na estrutura e no lucro

O advento da Lei Pelé (9.615/98) fez com que, se por um lado, a formação de jogadores fosse prejudicada, pelas incertezas quanto à continuação ou não dos atletas após o fim do vínculo com o clube, por outro ela trouxe oportunidades para quem decidiu investir na formação justamente para, a partir dela, fazer o pé-de-meia. São os clubes-empresa.

"Futebol hoje é *business*, não é? É negócio. Não se pode jogar só com o torcedor". A definição é de Eduardo Zanello, presidente do Olé Brasil Futebol Clube, equipe de Ribeirão Preto, no interior paulista, fundada em 2006, que atua, principalmente, com categorias de base, e ganhou destaque no ano passado ao conquistar o título paulista sub-17.

Nesses clubes, onde existe a peculiaridade de não haver necessariamente uma torcida, o ambiente segue, como diz o nome, o de uma empresa, que visa primordialmente o lucro. "A empresa tem interesse que o negócio, do ponto esportivo, dê certo, mas é, principalmente, no viés financeiro, que as coisas andam", explica. Uma problemática que, por exemplo, dá mais possibilidades de se raciocinar sobre a negociação de jogadores do que efetivamente a busca por títulos.

O Olé Brasil não está sozinho. Com maiores ou menores pretensões comerciais, muitos clubes surgiram, nos últimos anos e, em especial, na última década, com perfis empresariais. Casos de *Primeira Camisa* e *Desportivo Brasil*.

Do ponto de vista estrutural, o clube de Ribeirão Preto conta com 25 mil metros de área utilizável, com centro de treinamento, escola (parceria com o COC local), alojamentos para atletas próprios e provenientes de intercâmbios formados com governos de países africanos e asiáticos.

Segundo Zanello, um dos desafios para projetos como os do Olé é justamente a estrutura. "Sabemos que, no que diz respeito à tradição, não há como compararmos a um Santos ou o São Paulo. Então, investimos em instalações e projetos que possam fazer os pais de um garoto optarem em levá-lo para o Olé, e não, por exemplo, para o São Paulo", explica.

O presidente do Olé explica que algumas precauções são tomadas para preservar os investimentos, como a parceria com "poucos, mas bem conceituados" empresários, que têm preferência nos jogadores da equipe. "Nunca vendemos 100% dos direitos. No máximo uns 40, 50%. Até porque a transferência de impacto é, geralmente, a que ocorre depois dessa primeira contratação", diz.

Mesmo para os clubes-empresa, o resultado, bem como em qualquer área do futebol, não é exato. "Em cima do que oferecemos, esperamos a gratidão por parte das famílias, no que diz respeito às negociações", conta Zanello. "E sabemos que, na prática, é difícil", reconhece. (LC)

Cidades:

Santos
Praia Grande
Guarujá
Cubatão
São Vicente
Bertioga
Riviera de São Lourenço
São Sebastião (Juquehy)
Mongaguá
Itanhaém
Peruíbe

Mais informação para a região



Distribuição Ampliada

Com 23 anos de credibilidade em Santos, o **Jornal Boqueirão** agora também pode ser encontrado nas principais bancas de São Vicente, Guarujá, Bertioga, Riviera de São Lourenço, Juquehy, Praia Grande, Cubatão, Peruíbe, Mongaguá e Itanhaém.

Jornal Boqueirão

Gostoso de ler e bom de negócios.
boqueiras.com | twitter.com/boqueiras
PABX: (13) 3238-3380